

**KITĀB KALĪLA WA-DIMNA: UM CAPÍTULO AINDA NÃO
EDITADO EM ÁRABE E INÉDITO EM PORTUGUÊS:
“O CASAL DE PATOS E O MAÇARICO”**

Mamede Mustafa Jarouche¹

¹Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Liliane Vargas Garcia²

²Doutora pelo PGET/UFSC

Apresentamos a seguir a edição em árabe e a tradução inédita ao português de “O casal de patos e o maçarico”, considerado um dos capítulos por assim dizer “intrusos” do Kitāb Kalīla wa-Dimna, texto dos mais difundidos da literatura medieval e cuja versão árabe, feita por °Abdullāh Rozbih Ibn al-Muqaffa°, é utilizada como texto de referência para as refundições desta tradução em distintos ambientes geográficos, culturas e histórias, ensejando, assim, a disseminação e o entrelaçamento dos imaginários oriental e ocidental. Esse capítulo existe, ao que tudo indica, em apenas três manuscritos árabes dessa obra, apesar de constar em mais de uma de suas muitas traduções antigas, como é o caso da espanhola, feita no século XIII, sob os auspícios de Alfonso, o Sábio.

O arabista Mahmud Sobh (642) destaca o extenso percurso desta tradução escrita originalmente por Bidpay, em sânscrito, como parte do Panchatantra e do Mahābhārata indiano recopilado textualmente (em torno de 95%) no Tantrakhyayika, entre 275 a.C e 275 d.C. Com a expansão do budismo, essas narrativas entram na China, Japão, Mongólia e chegam até a Pérsia, onde são traduzidas



na Escola de Tradutores de Yundai Sapur, inicialmente ao pálvavi¹ – cujo texto está perdido – por Burzuwayh, em 550, aproximadamente, e depois ao siríaco, em 570. Mais tarde, foram traduzidas do pálvavi ao árabe, pelo supracitado Ibn al-Muqaffa^c, entre 750 e 757, que acrescentou, segundo ele mesmo afirma, um *‘Arđ al-Kitāb*, ou seja, uma exposição sobre o livro, constituindo, destarte, a versão que serviria como texto de referência para traduções posteriores. Por sua vez, Juan Vernet Ginés, no livro *Lo que Europa Debe al Islam de España* (456), apresenta um diagrama que ilustra a centralidade da tradução árabe a partir de sua fixação primordial na Índia, sua derivação ao tibetano, pálvavi, siríaco, árabe, grego, latim, hebraico, castelhano, italiano, alemão, holandês, dinamarquês, indo-persa, turco, francês e eslavo, registro que se atualiza com a publicação da tradução ao português², a partir de várias

¹ Conforme indica Döhla (10-15), a tradução pálvavi como referência da tradução árabe do ano 750 d.C. está perdida, embora exista uma tradução siríaca do século VI d.C. atribuída a Būd, um persa cristianizado, que serve de referência para reconstruir a versão pálvavi. Deste texto se conserva uma cópia manuscrita tardia de 1526 na Bibliothèque Nationale de France sobre a qual ainda não realizou nenhuma edição até o momento. As edições de Bickell (1876) e Schultheß (1911) não se baseiam nesta cópia, mas em versões em nestoriano – uma variação da escritura siríaca – do monastério de Mardin, na Síria, e de Mossul. A edição deste manuscrito, para os estudos de Kalila wa-Dimna, poderia representar o nexo com o texto pálvavi e esta distinção se dá em função de que não foi realizada sobre um texto árabe, remarcando que a versão de Ibn al-Muqaffa^c se caracteriza como refundição da tradução pálvavi.

² Jarouche, Mamede Mustafa. *Kalila e Dimna*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Esta tradução utilizou como texto base as edições de 1941 e 1973 de ^cAbdulwahhāb ^cAzzām, fundamentadas num ms. de 1221 d.C. Como edições de apoio foram utilizadas as de Cheiko, baseada num ms de 1339 d.C. e publicada em 1905, a de Aḥmad Ḥasan Ṭabbāra a partir de um ms de 1675, sem data nem lugar de publicação, uma edição do Cairo revisada por Ibrāhīm Addasūqī ^cAbdulgaffār, de 1868, baseada na de Silvestre de Sacy, de 1816, além da edição de três fragmentos manuscritos que não constavam na de Sacy, dois sem data e outra de 1701 publicadas por Ignazio Guidi em 1873; também foram consultadas as edições árabes correntes de M.N. Almarşafī, Ilyās Ḥalīl Zaḥariyyā e Yāzījī, uma versão metrificada do século XI de Ibn Alhabbāriyya, a tradução espanhola de 1251 editada por Cacho Bleucia e Lacarra (1984) e a tradução francesa de André Miquel (1957).

edições árabes e com detalhadas notas críticas, em 2005. Assim, a propagação da tradução do Kitāb Kalīla wa-Dimna enlaça Oriente e Ocidente de forma sintagmática e indireta, ou seja, com traduções a partir de traduções que bem poderiam acionar e engendrar, como metáfora para a complexão textual do Kitāb Kalīla wa-Dimna, a condensação de um códice constituído por suas traduções.

Esta condição de tradução da tradução do Kitāb Kalīla wa-Dimna impossibilita, portanto, uma relação direta com o conceito de texto original, mas, ao elidir a ideia de uma tradução que se fez original, também evidencia o carácter da tradução em si e por si, um trabalho de linguagem que, não ignorando a origem, se desvincula do efeito que a secunda a partir da supremacia de um original que materialmente inexistente. Neste sentido, a prática tradutória reclama sua dimensão histórica e cultural para indagar, a partir da materialidade do texto-objeto, a constituição do texto-fenômeno como leitura, reescritura e produção associada à cultura do espaço onde é gerado. Neste sentido, a linguagem se estabelece como leitura de uma experiência produtora de sentidos e de interpretação da realidade, interacionada por uma sociedade ativa e em permanente

Para as referências das traduções em siríaco, persa ou hebraico, bem como para as remissões ao Panchatantra, foram utilizadas as produções críticas de °Azzām y Cheiko. A edição em português inclui, ainda, o capítulo *Mihrāyaz, o rei dos ratos*, não contida na versão castelhana e, em forma de anexo, uma introdução ao livro presente somente em edições árabes baseadas em manuscritos tardios, bem como o texto “A pomba, a raposa e a garça”, considerado um acréscimo à estrutura de Kalīla e Dimna (presente na versão hebraica de Rabī Joel e na versão castelhana com o título “De la gupexa et de la paloma et del alcaraván”). Nesta edição, considerando que, na época, não dispúnhamos dos manuscritos “Arabe 3478”, BNF, e o manuscrito “Or. 3900”, Bodleian Library, não se incluiu o capítulo *O casal de patos e o maçarico*, razão pela qual aqui se publica, em primeira mão, esta tradução direta do árabe ao português a partir da edição, também inédita, dos referidos manuscritos. Cabe recordar que este capítulo pertence a uma classificação que o situa como parte de uma hipotética “rama andaluza” de Kalīla e Dimna”, objeto do estudo crítico de Liliane Vargas Garcia (2019) apresentado como tese doutoral ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina com o título: *Políticas da Tradução: história e crítica através do prototexto literário de Calila e Dimna (1251)*.

transformação. O ponto de encontro entre cultura, história e tradução é a linguagem como sintagma de um movimento dinâmico que recupera representações simbólicas. A linguagem presentifica o ausente, traduz, significa, desloca, condensa e, nessa linha, a tradução é concebida como predicado de tal operação, um predicado da linguagem. Ela é a *materialização* do discursivo, uma produção escriturária que busca significados, que permite a leitura de múltiplas redes simbólicas e que desempenha uma atividade produtora de sentidos. Sem perder de vista o encadeamento tradutório do Kitāb Kalīla wa-Dimna, sua história e estrutura possibilitam operar paralelamente prática e teoria, assim exemplificando como o trabalho de reescrever – a tradução – introduz novos conceitos, novos gêneros e novos artifícios que revertem ou exercem o poder formador de uma cultura em outra e, desta forma, devolvem à atividade tradutória sua função de força modeladora na sociedade.

Kalīla wa-Dimna, enquanto pervivência da tradução – condição que o constitui essencialmente –, afirma que tanto o conceito de “original” como o de propriedade textual podem ser deslocados para que se pense a tradução como um processo autônomo e fundador, inter-relacionado, no entanto, a outros sistemas significantes. Nessa condição, a produção da linguagem também recupera o sentido do escrever sobre o que já foi escrito, aludido pelo conceito de *anuvad*³, designação da tradução em sânscrito, que implica um gesto significativa anterior ou um dizer posterior que, associado à disseminação e ao extenso percurso desta tradução, cristalizou sentidos a partir de campos sem origem, ou, dito de outra forma,

³ “The word for translation in Sanskrit, which persists unchanged in most of the modern Indian languages, is *anuvad*, which etymologically and primarily means ‘saying after or again, repeating by way of explanation, explanatory repetition or reiteration with corroboration or illustration, explanatory reference to anything already said’”. (Monier-Williams 1997, p. 38, *apud* Bassnett & Trivedi, 1999, p. 9). (“A palavra para tradução em sânscrito, que persiste inalterada na maioria das línguas indianas modernas, é *anuvad*, que etimológica e primariamente significa ‘dizer depois ou outra vez, repetindo como explanação, repetição explicativa ou reiteração com corroboração ou ilustração, referência explanatória a qualquer coisa já dita’”. (tradução nossa).

a partir da experiência originária própria da linguagem. O *status ars* da tradução de Kalīla wa-Dimna torna manifesta uma discussão tão teórica quanto estética: a história não salvou o original; ao contrário, recuperou, sucessivas vezes, as singularidades de cada *cópia*, desse ato de imitação de um gesto anterior como repetição da diferença na produção de sentidos. É nesse campo que a tradução atua ou deixa falar todas as línguas que já esqueceu, e este processo permite atordoar o texto e reinventar a história através de uma leitura que explora o que houve, e que ouve o já dito, o que foi acionado pelo texto originário, anônimo cuja persistência salvou a cópia – o dizer depois e não o original.

Sob uma perspectiva formal, Kalīla wa-Dimna contém a história de seu processo de tradução, de seu produto e seu produtor. Fixa a estrutura de composição que se dissemina com o livro, *kitāb*: um prólogo que orienta a leitura, com o sentido de *fictio*, para a aquisição do saber, expondo o processo de construção desta coleção, permeada pela história de seu tradutor-inventor, o médico Burzuwayh. Logo, Ibn al-Muqaffa^c acrescenta um capítulo introdutório e outros cinco capítulos: *Investigação acerca de Dimna*, *A leoa e o animal xa^char*, *O asceta e seu hóspede*, *O peregrino e o ourives* e *O filho do rei e seus companheiros*. Tal coleção de histórias apresenta uma estrutura narrativa em quadros de diálogos que desencadeiam outras narrativas intercaladas. Estes sistemas encaixados se repetem de forma sistemática como estratégia para inserir uma narrativa dentro de outra narrativa e cujo efeito se desdobra, *met en abîme* os exemplos enquadrados pela história. Cada capítulo constitui uma narrativa independente estruturada, fundamentalmente, com estilo direto em forma de diálogo entre um rei que, a cada inclusão temática, informa ao filósofo a compreensão do exemplo desenvolvido na narrativa precedente e insere nova premissa.

Mahmud Sobh (642) observava, no entanto, que o capítulo *Investigação acerca de Dimna*, para satisfazer o califa al-Manšūr, embora desconponha a estrutura narrativa iniciada em forma de diálogo, acima descrita, foi reproduzido em todas as cópias árabes

e, portanto, aceito pela crítica como releitura de *O leão e o chacal*, presente na versão pálvavi originária.

Se consideramos as incidências do processo tradutório de Kalīla wa-Dimna, a possibilidade de pensar em uma referência específica para uma tradução em árabe, decorrente de um texto unitário, *original*, se sobressai como razão imprudente. Seu percurso está imbricado no desvelamento de um enigma textual fundado por suas múltiplas traduções que, por sua parte, *reencenam*, na escrita da história, o movimento da *translatio studii*. De fato, não há edições críticas de Kalīla wa-Dimna em árabe, e a tentativa de fixá-las seguindo critérios lachmannianos seria estéril. No entanto, um enfoque que considerasse a especificidade produtiva de cada manuscrito para esboçar suas condições de recepção e legibilidade poderia configurar-se como uma tarefa mais factível, ainda que requeresse uma equipe de tradutores multiculturais para investigar as problemáticas engendradas pelas distintas versões disseminadas nos distintos espaços geográficos e históricos. De fato, o arabista Martin Sprengling, já em 1924, propôs uma metodologia criteriosa para, de forma pioneira e ainda hoje única, agrupar, ordenar e estudar os dissímeis manuscritos, versões e listas de capítulos através da fixação de uma categorização por famílias textuais divididas em seis classes denominadas A, B, C, D, E y F.

Sprengling (91) agrupa, na classe A, a *editio princeps* publicada por Silvestre de Sacy na França, em 1816, com a análise e o estudo dos manuscritos tardios da Bibliothèque Nacional de France, da Biblioteca do Vaticano e a de Saint-Germain de Près, junto ao registro de que, em 1873, E. Guidi edita algumas variantes e adições a esta primeira edição. Na classe B, Sprengling (93) situa outros manuscritos representativos que seguem a ordem da classe A para referenciar elementos originários do Mahābhārata, com algumas alterações já descritas por Sacy, a partir de uma versão persa de Naṣrallāh. A classe C de Sprengling (93) considera a ordem de apresentação mais popular dos manuscritos e das listas de capítulos, também referendada pela versão grega do século XI. Nesta classe figuram as edições de Louis Cheikho que, no ano de 1905, publica

uma edição considerada bastante fiel de um manuscrito datado de 18 de janeiro de 1339, localizado no monastério de Dayr al-Šīr, no Líbano, e a de °Abd al-Wahhāb °Azzām que, em 1941, publica, no Cairo, a edição do mais antigo manuscrito descoberto até então, localizado na Biblioteca de Hagia Sophia de Istambul, datado de julho de 1221. Embora contenha o manuscrito mais antigo, a edição de °Azzām apresenta diferenças substanciais com relação à edição de Cheikho, cuja versão foi utilizada para os livros de texto das escolas no Levante. O estudioso George Bossong considera que a edição de °Azzām é similar às edições dos manuscritos castelhanos, muito embora, como se verá mais adiante, a classe E agregue outras possíveis fontes para os manuscritos afonsinos. A classe D, considerada a segunda em caráter exponencial, provê setenta manuscritos e listas que, disjuntos da ordem da classe do Panchatantra, possui similaridades com a classe A, B e, segundo Leyden, com a classe C (Sprengling, 94). A seguinte classe, a E, abriga as edições de capítulos do Kitāb Kalīla wa-Dimna e, segundo Sprengling (95), não contém uma força significativa no que se refere à quantidade de manuscritos, mas, em contrapartida, se sobressai por sua suma importância frente às versões existentes. Os manuscritos da British Library, London, Or. 3900 (3 de junho de 1753) e os da Bibliothèque Nationale, Paris, Arabe 3478, supplément 1795 (século XVIII), configuram-se como prováveis arquétipos para as versões medievais hebraicas e castelhanas, podendo constituir um elo da família textual da *recensio* hispânica. Esses manuscritos também são citados por De Blois (1990, 66–72 *apud* Döhla, 30) respectivamente como L3 (Or. 3900) e P18 (Arabe 3478). Döhla (29) acrescenta que Niehoff-Panagiotidis também remarcou características importantes da *recensio* hispânica referentes a arcaísmos nos capítulos introdutórios, ordem de apresentação dos capítulos, e adição de dois capítulos ao final, *O casal de patos e o maçarico* – que aqui se edita e traduz, em primeira mão, e *A pomba, a raposa e a garça*, além da omissão de um capítulo presente nas versões árabes, *Mihrāyaz, o rei dos ratos*. Excetuando o segundo capítulo sobre a viagem de Burzuwayh à Índia, todos os demais figuram

no manuscrito Árabe 3478, além de este ser o único que apresenta correspondência entre os diálogos de Iblād, ʿĪrāḥt e Xāḍarm, rei da Índia, à diferença da versão hebraica de Rabbi Joël e da latina de Juan de Capua, que incluem outros parágrafos de diálogos que não estão contidos na versão alfonsina nem no manuscrito Árabe 3478. Resta ainda por comentar que a Classe F contém um único e raro manuscrito, com deficiências formais, identificado como London Br. M. 7494 (Add.23466), que mantém relação com a versão primária neo-síriaca, e que poderia estar relacionado com a antiga versão pálati.

O mais antigo manuscrito árabe, o de 1221, foi apontado como provável texto de referência para a versão castelhana, com a ressalva de que, além dos capítulos acrescentados por al-Muqaffa^c, a tradução castelhana apresenta outros três capítulos em seu corpus textual, a saber: *De las garças e del çarapico*, *De la golpexa e de la paloma e del alcaravan*, de fontes desconhecidas, e uma introdução chamada de *A introdução de ʿAlī ibn al-Šāh al-Fārisī*, um texto persa, conforme indica Döhla (25). Considerando as relações textuais, cabe destacar que a presença do termo “islan” desvela um anacronismo textual também presente no manuscrito A (castelhano), anacronismo esse que, como observa ʿAzzām, não consta em outras edições e manuscritos árabes. Tal citação denotaria uma primitiva redação em árabe, muito embora, referindo à cena final da *Investigação acerca de Dimna*, no manuscrito árabe de 1221, o chagal, discorde à lei islâmica, que exige duas testemunhas contrárias, seja condenado à morte mediante apenas um testemunho. Tal vicissitude foi resolvida em outras versões árabes que islami-zaram a cena, ratificando a convenção⁴ de duas testemunhas, fato

⁴ Cacho Blecua y Lacarra (190) sugerem que a necessidade da presença de duas testemunhas era conhecida pelos muçulmanos hispânicos, levando em consideração a “Suma de los principales mandamientos y devedamientos de la ley y çunna de Ica Jedih”, que pode ser consultada no Memorial Histórico Español, de 1853, precisamente na página 372: “*Em los fechos corporales, denuestos, muertes o heridas, casamentos, quitaçiones o tormentos, bastan dos testigos barones de bista y no menos*”.

igualmente observado no manuscrito Árabe 3478, editado na sequência, cuja estrutura é bastante similar à da tradução castelhana encomendada por Alfonso X, em 1251, onde se indica o número de testemunhas de acordo com a jurisprudência islâmica. Esta ressalva coloca em evidencia a existência e a circulação de distintas redações árabes para este livro no medievo *al-Ándalus*.

Kalīla wa-Dimna, considerada como *syntagma* –constituição e *parádeigma* – arquetipo, exemplifica o processo tradutor como um movimento de deslocamento, condensação e disseminação da linguagem, rol protagonizado pela tradução em sua função de difusora cultural, na medida em que se considera a acepção da cultura como linguagem em sua forma *essentiālis*. Este rastro linguístico do latim tardio reposiciona o discurso nos primórdios das línguas vernáculas como marca histórica da chegada e do encontro cultural deste texto com o Ocidente, permitindo ler sua inscrição metaforizada pela tradução à insipiente língua castelhana no século XIII. Como metáfora, inscreve e vai além. Diz com um o que é sempre outro e, portanto, a restituição deste diálogo significante também remete e correlaciona a presença específica do sistema linguístico e cultural galaico-português, oculta em rastros e restos tradutórios etimológicos formais⁵, para associar esta variante à estruturação, fixação e ao impulso da escritura em prosa castelhana com valor literário. Caberia recordar aqui que Alfonso X ordenou o funcionamento dos códigos linguísticos, designando o cultivo da lírica em galaico-português – passado da nossa futura língua vernácula –, ao passo que os assuntos da igreja deveriam ser registrados em latim e as demais matérias, em castelhano. Se, como considera Barthes, “la culture recupere” e “la récupération est la grand loi de l’histoire” (Barthes *apud* Brochier, 29), a edição em árabe deste provável

⁵ Para uma aproximação histórica das transições e particularidades linguísticas entre espanhol e português como sistemas e línguas em contato (Garcia, 39-261), remetemos ao capítulo sexto contido em *Políticas da Tradução: história e crítica através do prototexto literário de Calila e Dimna (1251)*. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204427>.

arquétipo textual ibérico que adiante se apresenta, seguida de sua tradução à língua vernácula portuguesa, traslada e reinscreve, na linha do tempo, este particular capítulo como estratégia discursiva para amalgamar história, cultura e tradução. Estratégia que desbarata a ordem estabelecida ao cinzelar novo traço em um distinto sistema literário de chegada, o português. Logo, se a lei da história é a recuperação, o processo tradutório inerente ao Kitāb Kalīla wa-Dimna evidencia que a posição ou o lugar da tradução, de sua enunciação, assim como da cultura, nunca é fixo ou pré-determinado, mas, antes, performativo.

Contextualizando especificamente a edição e tradução do capítulo *O casal de patos e o maçarico*, uma marca da família textual árabe ibérica, destaca-se que o estudioso orientalista franco-alemão Joseph Derenbourg (1811-1895), responsável por importantes pesquisas e pioneiro em diversas áreas, publicou, em 1887, uma edição crítica da tradução latina de Kalīla wa-Dimna, denominada *Directorium Vitae Humanae*, realizada por Juan de Capua e, no primeiro apêndice, entre outros textos, editou, em árabe, o capítulo aqui apresentado com base em um manuscrito preservado em Munique. Sabe-se hoje, contudo, que o texto do capítulo do *casal de patos e do maçarico* contido nesse manuscrito é sobremaneira defeituoso, não dando senão uma ideia muito deformada dessa história. Foi com base no texto árabe editado por Derenbourg que críticos e filólogos árabes como ‘Abdulwahhāb ‘Azzām e Muḥammad Nā’il Almarṣafī decretaram que esse capítulo era de “baixo nível” e que não condizia com o resto do livro. Com efeito, no manuscrito de Munique ele está precedido de uma observação feita pelo copista de que “este capítulo não pertence a este livro, tendo sido nele introduzido por ser assemelhado ao que nele se contém”. Ademais, deve-se notar que a edição do texto árabe por Derenbourg, acompanhada de uma tradução francesa, não prima pela qualidade. Todos esses fatores, aliados, levaram à total ausência desse capítulo das edições em árabe do Kitāb Kalīla wa-Dimna, bem como à virtual inexistência de estudos a seu respeito.

O estado da questão se modifica com a comparação entre o texto editado por Derenbourg e o corpus desse capítulo tal como se encontra nos manuscritos da Bibliothèque Nationale de France, Arabe 3478, fls. 195 f. –207 v, copiado no século XVII ou XVIII, e o da British Library, Or. 3900,⁶ Bodleian Library, fls. 127 f. –135 v., copiado em 1753. O texto árabe resultante dessa colagem, que publicamos adiante, evidencia duas coisas: a primeira, que estamos muito longe de um texto de “baixo nível”, ou de qualidade incompatível com o restante de Kalīla wa-Dimna, e, a segunda, que a fidelidade da tradução espanhola de 1251 ao texto árabe é tão grande que permitiu, em vários pontos, efetuar correções no *corpus* aqui fixado.

Para o cotejo com o texto castelhano foi utilizado o excelente trabalho de Hans-Jörg Döhla, *El libro de Calila e Dimna (1251). Nueva edición y estudio de los manuscritos castellanos*, publicado em Zaragoza em 2009 pelo Instituto de Estudios Islámicos. Nesse trabalho, originalmente sua tese de doutorado, Döhla edita, lado a lado, os dois manuscritos mais antigos dessa tradução preservados na Biblioteca del Real Monasterio de San Lorenzo del Escorial, e identificados como A e B. Consultamos, ainda, a também excelente, embora mais tradicional, edição de Maria Jesus Lacarra e Juan Manuel Cacho Blecua, *Calila e Dimna*, publicada em Madrid em 1984.

Nas páginas a seguir, apresenta-se a edição em árabe do capítulo *باب العلجومين والمرزم* com base nos manuscritos “arabe 3478, da BNF, e “oriental 3900”, da Biblioteca Bodleiana, em Oxford. Como colofão às reflexões engendradas por seu percurso tradutório, a tradução direta e inédita ao português do capítulo O casal de patos e o maçarico, um dos braços da família textual ibérica do Kitāb Kalīla wa-Dimna, outra marca de continuidade da cadeia tradutória desta transmissão textual, deste *continuum* do sentido que a tradução mantém em movimento.

⁶ O acesso a esse manuscrito se deu, primeiramente, por meio de Liliene Vargas, que o consultou *in loco* e trouxe notícias sobre o material, e a John Milton que, valendo-se de sua condição de britânico, tornou acessível uma cópia desse mesmo manuscrito.

Referências

Brochier, Jean-Jacques. “Vingt mots-clé pour Roland Barthes: Entretien”. *Magazine Littéraire*, n^o. 97, Février 1975.

Bassnett, Susan; Harish Trivedi, (Eds.). *Post-colonial Translation: Theory and Practice*. London: Routledge, 1999.

Cacho Blecua, Juan Manuel; Lacarra, María Jesús. *Calila e Dimna*. [Edición, introducción y notas] Madrid: Castalia, 1984.

Döhla, Hans-Jörg. *El libro de Calila e Dimna (1251): edición nueva de los dos manuscritos castellanos, con una introducción intercultural y un análisis lexicográfico árabe-español*. University of Zurich, Faculty of Arts, 2008. Disponível em: <http://www.zora.uzh.ch>.

Garcia, Liliane Vargas. *Políticas da Tradução: história e crítica através do prototexto literário de Calila e Dimna (1251)*. 2019. 358 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204427>.

Jarouche, Mamede Mustafá (tradução, introdução e notas). *Kalīla e Dimna*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Sobh, Mahmud. *Historia de la Literatura Árabe Clásica*. Madrid: Cátedra, 2002.

Sprengling, Martin. “Kalīla Studies”. I. “*The American Journal of Semitic Languages and Literatures*”, 40.2. (1924): 81-97. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/528170?seq=2#page_scan_tab_contents.

Vernet Ginés, Juan. *Lo que Europa debe al Islam de España*. Barcelona: Quaderns Crema 1999.

Mamede Mustafa Jarouche. Email: jarouche@usp.br. <https://orcid.org/0000-0002-4213-9380>.

Liliane Vargas Garcia. Email: rastro99@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-5212-5935>.

O CASAL DE PATOS E O MAÇARICO⁷

Capítulo dos dois parceiros mutuamente confiados, dos quais um é trapaceiro, perverso e mal intencionado, e tem por ambição apoderar-se das mercadorias pertencentes a ambos e monopolizá-las, em detrimento do outro.

O rei disse ao filósofo: “Aplique-me um paradigma sobre dois parceiros mutuamente confiados, dos quais um é desonesto com o outro, perverso e mal intencionado, e cuja ambição é se apoderar das mercadorias que pertencem a ambos, em prejuízo do outro”. O filósofo respondeu: “Uma das maneiras de manter a integridade é ser resoluto, e um dos modos de ser resoluto é desconfiar de seu parceiro até se certificar de que ele de fato tem a consciência íntegra. Quem confia demasiado em seu parceiro, sem submetê-lo a nenhuma prova, ficará exposto, devido a essa confiança excessiva, a alguns desgostos. Entre os paradigmas a respeito está o do casal de patos e o maçarico”. O rei perguntou: “E como foi isso?” O filósofo disse:

Conta-se que havia em dada região litorânea um estuário para o qual confluíam vários rios que ali desaguavam. O lugar tinha muito junco, e os peixes eram abundantes. Distante do caminho percorrido pelos pescadores, o estuário se situava num ponto ao qual os seres humanos não tinham acesso, e durante longo tempo até mesmo as aves que viviam em mares, florestas e arroios não o frequentavam, e nem sequer se aproximavam ou caçavam por ali, uma vez que os locais onde elas viviam e faziam seus ninhos, nas

⁷ Traduzido do “Livro de Kalīla e Dimna”, de ‘Abdullāh Bin Muqaffā’ (724-759 d.C.), manuscrito “Arabe 3478” (século XVII ou XVIII), BNF, fls. 195 f.-207 v., e manuscrito “Or. 3900” (1753), Bodleian Library, fls. 127 f.-135 v. Este capítulo não consta da tradução do livro que publicamos em 2005 em São Paulo, uma vez que, na época, não dispúnhamos dos manuscritos. Não existem edições impressas em árabe que o contenham. “Maçarico” traduz *mirzam*, ave aquática também conhecida, entre outros nomes, como “batuíra” e “tarambola”.

cercanias do mar, lhes bastavam, permitindo-lhes, portanto, desprezar o estuário e tudo quanto ele continha.

Contudo, certa feita uma ave chamada pato descobriu aquele estuário, e ao ver que era isolado, vazio e distante do caminho dos pescadores e de outros seres humanos, planejou viver nele e para lá transferir o seu ninho; pensou: “Se eu me mudar para cá com o meu ninho e a minha mulher, não precisaremos mais nos acotovelar com outras aves durante a caça aos peixes. Ademais, este lugar constituirá a nossa fortuna, bem como a dos nossos descendentes. Ninguém poderá reivindicá-lo, pois teremos mais direito a ele do que outrem”. E assim decidiu transferir para lá o ninho e a mulher, que havia posto ovos; informou-a do que vira e se dispusera a fazer. A pata havia botado em seu ninho, ali no litoral, e já era chegada a hora de chocar. Ela tinha um amigo, um maçarico, tão querido para si que somente em sua companhia ela tinha prazer, fazendo-o por isso participar de todas as suas atividades. Quando o pato a informou do seu parecer e da decisão que tomara, ela considerou penoso separar-se do maçarico, e desejou que ele também fosse para aquele local verdejante; para tanto, entabulou uma artimanha objetivando avisá-lo do que o casal havia decidido, a fim de que o maçarico, por seu turno, entabulasse uma artimanha para acompanhá-la àquele lugar; então ela disse ao pato: “Já chegou a hora de chocar os meus ovos e ter os filhotes. Para o tratamento de filhotes recém-saídos dos ovos, prescreveram-me uma coisa que os livrará de qualquer doença. Eu gostaria de obter essa coisa para levá-la comigo ao local para onde você quer se mudar”. O pato perguntou: “O que é essa coisa?” A pata respondeu: “Certo tipo de peixe da ilha tal e tal no meio do mar. Como somente eu a conheço, fique você aqui chocando os ovos no meu lugar enquanto eu vou para lá”. O pato disse: “O inteligente não deve se basear inteiramente nas prescrições dos terapeutas e médicos, pois eles não raro prescrevem coisas difíceis que só se obtêm arriscando a vida ou produzindo sérios danos. Já ouvi falar dos perigos e voragens que existem nos arredores dessa ilha. Em alguns tratamentos, prescreve-se gordura de leão ou poções extraídas de répteis, mas a pessoa

verdadeiramente arrojada não deve arriscar a vida indo até onde vivem leões ou répteis só por causa do benefício contido em suas carnes ou nas poções que se extraem de suas entranhas. Deixe pra lá a vontade de ir para essa ilha e limite-se ao que está disponível no nosso ninho, pois no local para onde pretendemos mudar existe muito junco e muito peixe, além de ser bem escondido, isolado de qualquer trilha, e desabitado de aves. Saiba que quem obedece aos médicos naquilo que lhe põe a vida em risco não estará a salvo de ser atingido pelo que atingiu o macaco que procurava cérebro de serpente”. A pata perguntou: “E como foi isso?” O pato disse:

Os dois macacos e a serpente

Conta-se que em certa ilha viveu por longo tempo um macaco, num local fértil em frutas. Acometido, porém, por uma sarna tão virulenta que o levou a pensar que seria o seu fim, o macaco se debilitou e já não conseguia obter sustento. Então passou por ele outro macaco que lhe disse: “Por que o vejo nesse estado? Qual doença deixou você tão magrelo e frágil?” O macaco respondeu: “Não conheço outro motivo para o estado em que estou senão a vontade e o desígnio de Deus, e disso ninguém pode fugir, nem tem por onde escapar”. O macaco visitante disse: “Conheço um macaco – hoje ele está bem – que foi acometido pelo mesmo que você. Não havia meio de ele encontrar remédio, até que lhe deram um cérebro de serpente, e ele o aplicou no nariz. Se você conseguir um cérebro de serpente, aí estará a sua cura”. Disse o macaco sarnento: “Como poderei obter um cérebro de serpente? Minha debilidade é tamanha que nem consigo obter minha comida e meu sustento diários, mesmo com estas árvores tão próximas. Não fossem os donativos em alimento que recebo de outros animais e das feras, eu já estaria morto de pavor e de fraqueza!” Disse o macaco visitante: “Vi um homem, no lugar tal e tal desta ilha, ao lado da toca de uma serpente que eu conhecia. Espero que o homem a tenha matado. Vou para a boca daquela toca, e entrarei lá dentro. Se acaso eu encontrar a

serpente morta, arrancarei o cérebro dela e o trarei para você”. O macaco sarnento disse: “Se puder, faça. Com isso, você se tornará meu parente e obterá recompensa de Deus”. O macaco foi até a toca, que era bem ampla e, vendo ali muitas pegadas do homem, não teve dúvidas de que ele matara a serpente. Ao entrar na toca, porém, encontrou-a viva, e ela o atacou e devorou.

Disse o pato: “Só apliquei esse paradigma para que você perceba que o inteligente não deve, conquanto a isso se veja forçado, lançar-se em perigos à procura de remédios situados em lugares onde mora a doença da qual ele pretende curar-se”. A pata disse: “Já entendi a sua fala, mas é absolutamente imperioso ir àquela ilha, pois para salvar-se é preciso desafiar o que assusta e amedronta. Na minha ida para lá está a esperança de preservar a vida dos nossos filhotes e fortalecê-los contra calamidades”. O pato disse: “Bem, se o seu parecer for esse mesmo, então não conte a ninguém sobre o que estamos resolvidos a fazer, pois os sábios já diziam: ‘O princípio de todo investimento é a inteligência, e o princípio do inteligente é a preservação do segredo’”.

Em seguida, a pata viajou até a casa do maçarico, que morava na costa, à distância de algumas milhas, e lhe informou que ela e o marido estavam resolvidos a mudar para um estuário no qual havia muitos peixes e verde, além de proteção e isolamento contra perigos letais, destrutivos e calamitosos. Ela lhe disse: “Se você puder ir para lá conosco, com a permissão e o bom-grado do meu marido, faça-o!” Tendo gostado daquilo e achado bom ficar próximo da pata em virtude do afeto que havia entre ambos, o maçarico disse: “Quanto a pedir permissão ao pato, a primazia para ficar naquele lugar não é dele, pois trata-se de um estuário livre, e ali tanto ele como eu somos iguais. Seja como for, eu vou para lá. Se existir de fato abundância, isolamento e tantos recursos como você citou, mudar-me-ei e lá construirei um ninho. Se o seu marido litigar comigo, irei dizer-lhe que ele não chegou até ali por herança de seus pais, e nem tem mais direito do que eu ao lugar”. A pata disse: “A situação é bem como você descreve. O que eu quero é a sua proximidade e companhia. Porém, se acaso a sua ida para lá

provocar a discordância e a oposição do meu marido, não estarei a salvo de que isso gere entre vocês inimizade e hostilidade tais que turvem um afeto que eu desejava sem mácula para aproveitar a alegria da sua proximidade; tampouco estarei a salvo de que o contato se transforme em ódio e abandono, e que o afeto se transforme em rompimento”. O maçarico disse: “Você tem palavras verazes, e é louvável em tudo quanto faz por mim. Entretanto, como eu poderei elaborar uma artimanha para o pato aceitar e permitir que eu faça um ninho naquele estuário?” A pata disse: “A estratégia consiste em você ir até o pato e lhe dizer, como se não soubesse que ele pretende mudar para lá: ‘Passei por um estuário no lugar tal e tal, repleto de pescado e afastado das pessoas e das demais aves, e agora pretendo me mudar para lá. Você gostaria de ir comigo? O pescado lá existente vai nos poupar da disputa por espaço com outras aves na luta pela pesca marinha’. Então ele lhe dirá que se antecipou a você e já pretendia mudar o ninho para lá; quando ele disser isso, diga: ‘Então a preferência naquele lugar é sua; por isso, eu gostaria de lhe pedir permissão para ser seu vizinho e morar perto de você. Espero que disso não lhe advenha nenhum prejuízo, mas sim que, na minha morada, você tenha companhia e força’”.

O maçarico assim procedeu: foi ter com o pato, enquanto a pata ia para um arroio qualquer, onde pescou um peixe que levou para o pato e disse: “Este é o peixe do qual eu falei para o tratamento dos filhotes”. Quando ela chegou, o maçarico ali estava com o pato, que já havia concordado com o seu pedido. A pata, encenando desgosto com aquilo a fim de afastar de si qualquer suspeita do marido, disse: “Nós só escolhemos aquele lugar por ser isolado das outras aves, e se acaso você der ao maçarico uma parte de lá, receio que outras aves vão atrás dele e ganhem um pedaço do lugar, ou seja, sucederá tudo aquilo de que nós queremos distância e que nos levou a mudar da nossa terra”. O pato respondeu: “Já entendi o que você disse, mas eu acredito no maçarico. Teremos, com a sua presença, companhia e força; ele poderá ser uma arma contra terceiros, pois jamais poderemos estar plenamente assegurados de que alguma ave inimiga não nos atacará a partir do mar, ou de que

algun rebelde nos incomode. Não há problema em precaver-se por meio de ajudantes dignos de confiança, e é melhor não nos iludirmos com a superioridade das nossas forças e capacidade de ataque em relação a todas as demais aves. Não raro, os fracos se fortalecem mediante a cooperação mútua contra o forte e poderoso, tal como os gatos derrotaram o lobo, matando-o tão logo o sobrepujaram”. A pata perguntou: “E como foi isso?” O pato disse:

Os gatos e o lobo

Conta-se que no litoral existe um lugar onde vivem muitos lobos, e entre eles um que era especialmente insolente, ganancioso e bem insatisfeito com a situação que desfrutava entre os seus pares. Certa feita ele saiu à caça de algo somente para si, sem a obrigação de dividir com os seus companheiros, e se dirigiu a dada montanha na qual viviam muitos animais, os quais não dispunham de uma rota de fuga que não fosse a trilha de entrada da própria montanha. Viviam ali, alimentando-se de suas ervas e frutas e procriando. Num dos pontos da montanha viviam muitos gatos que haviam se habituado a comer a carne desses outros animais. Tais gatos tinham um rei, e eram soberanos naquela montanha, não permitindo que nenhuma fera tivesse algum quinhão nos animais dos quais se alimentavam.

Quando o lobo chegou ali, vendo quantos animais havia na montanha, e como os caminhos estavam fechados para eles, impedindo-os de criar quaisquer rotas de fuga, teve certeza da abundância e da boa vida. Estabeleceu-se por ali e passou um bom tempo caçando daqueles animais. Isso foi nocivo para os gatos, que se reuniram e discutiram o que fazer para se verem livres daquele lobo. Entre eles havia três que eram superiores a todos os outros em esperteza, astúcia e decoro. O rei, que agia conforme a opinião desses três, perguntou ao primeiro: “Qual a artimanha a respeito desse lobo? Ele está prejudicando o nosso sustento e se apropriando das nossas riquezas!” O primeiro gato respondeu: “Meu parecer não é outro

que não a paciência e a resignação com o que nos foi carreado por decreto e decisão de Deus, pois não temos como enfrentá-lo e suas forças superam as nossas”. O rei perguntou ao segundo gato: “Qual o seu parecer?” Ele respondeu: “O parecer é que nos mudemos desta montanha e procuremos outra, e assim quiçá encontraremos alguma equivalente em termos de abundância, pois, se porventura nos limitarmos ao que sobra da caça do lobo, nosso sustento se tornará escasso, e isso poderá nos levar à total aniquilação”. O rei perguntou ao terceiro: “E você, qual o seu parecer?” Ele respondeu: “Meu parecer, ó rei, é diferente do parecer deles dois”. O rei perguntou: “E qual é ele?” O terceiro gato respondeu: “Meu parecer é contrário a que nos conformemos em abandonar este nosso lugar, nem que nos resignemos à atual situação enquanto tivermos alguma esperança; tampouco aceito que tenhamos paciência com o que estamos passando, e muito menos que fuçamos e abandonemos nossa terra. Ao contrário, eu espero que o meu parecer, se acaso o rei e seus aliados concordarem comigo, nos leve à vitória sobre o inimigo e ao retorno a uma situação até melhor do que a anterior”. O rei perguntou: “E qual é esse parecer?” Ele disse: “Meu parecer é que observemos o lobo. Quando ele caçar algum animal e começar a devorá-lo, o rei, eu e mais um grupo de gatos conhecidos pela força, firmeza, experiência e coragem iremos atrás dele, como se desejassemos as sobras de sua caça, pois ele se sente bem seguro em relação a nós – no que está, aliás, muito iludido. Assim que nos aproximarmos, eu o atacarei na altura dos olhos, e os perfurarei com minhas garras; ato contínuo, todos os gatos restantes atacarão o lobo, cada qual mirando um ponto específico do seu corpo. Não vamos parar até deixá-lo morto, ainda que, nessa operação, um ou dois de nós se firam gravemente, pois isso será compensado pelo fato de nos livrarmos dele”.

E assim eles procederam: quando o lobo caçou um animal para devorar e o carregou para uma caverna, o rei dos gatos seguiu-o junto com um grupo de companheiros; tão logo o lobo chegou ao local onde fazia suas refeições, o conselheiro do rei o atacou e lhe furou os olhos com as garras, deixando-o cego; em seguida, o rei

atacou o lobo, decepando-lhe o rabo com os dentes, e assim cada um dos gatos o atacou e feriu. Não o largaram até matá-lo.

Disse o pato: “Só apliquei este paradigma para você perceber que, no lugar onde ficará o maçarico, nós teremos companhia, ajuda e força”. A pata aceitou aquilo e se alegrou ao notar a alegria do seu marido com o maçarico e com a vizinhança dele. E assim o pato, sua mulher e o maçarico se mudaram para o estuário, no qual construíram seus ninhos, o do maçarico separado do ninho do casal de patos, e muito prazer tiveram no isolamento que ali desfrutavam, passando a demonstrar uns pelos outros grande afeto, companheirismo e respeito. A afeição entre a pata e o maçarico era mais graciosa e firme do que a afeição entre o pato e o maçarico. Cada um deles se sentia confiante e à vontade com o vizinho, graças à sua antiga amizade.

Um tempo depois, todavia, alguns dos rios que desaguavam no estuário secaram, parando, conseqüentemente, de desaguar ali e deixando de provê-lo; por isso, as águas do estuário baixaram e a quantidade de peixe diminuiu. Ao refletir sobre a sua situação, o maçarico pensou: “Com efeito, ainda que o direito dos irmãos sobre os irmãos seja enorme, e protegê-los seja obrigação, o direito que o homem tem para consigo mesmo é maior ainda, e proteger a si mesmo é ainda mais obrigatório. E se dizia que quem para si não dá bom conselho será pior conselheiro para o alheio, e quem não se apressa a entabular uma artimanha para se precaver antes de ser visitado pela aniquilação se verá cercado por tantas e tamanhas desgraças que não conseguirá defender-se. Esses dois patos que compartilham comigo o estuário estão me prejudicando no que tange aos peixes, e me obrigando a retornar ao mar; contudo, já estou habituado a este local, e me será dificultoso abandoná-lo, pois é muito adequado para mim. Só me resta, para o meu próprio bem, matar esse casal; somente assim ficarei livre dos dois e terei o estuário todo para mim, sem parceiro nem litigante. Vou começar fazendo uma artimanha contra o pato, e para tanto vou usar a mulher dele, pois sua inteligência é débil, e ela acredita e confia em mim. Quiçá eu obtenha sucesso em me livrar do pato pelas

mãos dela. Depois que ele morrer, não haverá maior dificuldade em liquidá-la, dada a exagerada confiança que ela tem em mim, e a tranquilidade que sente ao meu lado.

Dessarte, o maçarico foi ter com a pata. Estava triste e deprimido. Ela perguntou: “O que o entristece, meu querido?” Ele respondeu: “Entristecem-me as contrariedades e desgraças que o destino nos faz experimentar. Porventura você já viu alguém que tenha escapado ileso dos tropeços e desgraças do destino, ou das derrotas infligidas pelo tempo, tanto a si como àqueles que ama? Ou então será que você já viu alguém a quem o mundo tenha sido constante em dar alegria e bem estar?” Ela disse: “Por acaso lhe sucedeu algo que contenha preocupações e aflições?” Ele disse: “Precisamente. Mas tudo depende de você. Se me obedecer e agir conforme as minhas instruções, isso decerto afastará a desgraça que, segundo os meus receios, poderá recair sobre você”. A pata perguntou: “Como assim?” O maçarico respondeu: “Com efeito, ainda que sejamos de espécies diversas, Deus produziu entre nós um sentimento fraterno, uma convivência e uma amizade que são mais fortes dos que os laços existentes entre aqueles que provêm do mesmo útero. Na maioria das relações parentais e consanguíneas, a inimizade, as más intenções e a corrupção de consciência são de tal monta que prejudicam mais do que o fio da espada e a instilação de veneno. Já se disse: ‘Quem não tem irmão não tem inimigo, e quem não tem parente não tem quem o inveje’. Quero lhe segredar algo que irá melhorar a sua situação; é uma questão horrível para você, e trazê-la à tona é para mim terrível e degradante. Todavia, ao refletir sobre o que me leva a isso, percebo que o destino carrega às criaturas mais do que uma boa senda. Quem acredita no decreto divino entrega-se aos desígnios de Deus, e quem se entrega aos desígnios de Deus fica em paz. Portanto, ouça-me e cumpra a minha determinação sem me pedir explicações até que você a execute”.

A pata disse: “Você me apavora magnificando tanto a questão que me faz supor que seremos sequestrados da face da terra. Já me predispus a sacrificar a minha alma pelos seus caprichos; diga, então, qual é a sua ordem, pois já se disse que, aos olhos de Deus,

não passa de um extraviado hostil todo aquele que não se sacrifica pelo amigo solidário na desventura e pressuroso na demonstração de amor”. O maçarico disse: “Sendo assim, o meu parecer é que você entabule uma artimanha para matar o pato e se livrar dele, pois isso acarretará o bem para você e para mim, evitando uma desgraça que ora se avizinha. Não me pergunte nada, apenas aja conforme estou indicando, e saiba que, se o meu parecer não implicasse enorme segurança e imenso benefício, eu não o apresentaria a você. Irei deixá-la a par do motivo deste parecer quando você concluir o que lhe ordenei. Não fique triste, em absoluto, não fique triste nem se apavore, pois quando tudo acabar eu procurarei um marido para você entre os meus amigos patos, e escolherei o melhor deles, o mais caro, o que melhor aceitar a vizinhança entre nós neste nosso estuário, o que vai protegê-la e defendê-la graças à minha posição diante dele e ao afeto entre nós; isso sem contar que ele verá como você é inteligente e superior. Saiba que quem não dá ouvidos aos seus leais conselheiros e às pessoas de sua afeição prejudica a si mesmo. E saiba que, se acaso você não aceitar minhas palavras nem obedecer às minhas instruções, será atingida pelo mesmo que atingiu o rato que recusou as palavras de quem bem o aconselhava”. A pata perguntou: “E como foi isso?” O maçarico disse:

O rato e a doninha

Conta-se de um asceta da cidade de Gurgan cuja cabana, situada no deserto, foi invadida por ratos que estragaram toda a sua comida. Então o asceta adotou uma doninha e a amarrou na cabana a fim de que matasse os ratos e os expulsasse dali. Havia entre os tais ratos um grandalhão e muito arrojado. Ao ver que o asceta amarrara uma doninha na cabana, percebeu que não teria sobrevivido, pois ela inevitavelmente o mataria, e Deus sabe mais. Assim, ele a chamou e disse: “Já sei que o asceta a adotou para dar cabo de mim e dos meus companheiros. Porém, eu gostaria de entabular relações com

você, fazer uma amizade bem pura, a fim de me manter a salvo da sua astúcia e poder me fiar nessa relação fraterna. De minha parte você terá o compromisso de jamais lhe ocultar um bom conselho que eu tenha, e nem algum benefício que lhe possa fazer”. A doninha disse: “Já entendi a sua fala. Eu me comprometo a deixá-lo seguro e lhe ofereço um pacto: não o atacarei, em respeito à sua vontade de ser meu fraternal amigo, mas não gostaria de lhe oferecer aquilo que não posso cumprir, e isso porque o asceta me confiou a sua cabana e me adotou para livrá-lo dos danos causados por você e pelos outros ratos. Não trairei o asceta nem o desapontarei. Portanto, busque uma saída para si, mude-se para outro deserto ou para alguma das casas aqui das redondezas, e assim eu poderei lhe dar o fraterno afeto que você deseja, e o protegerei na sua ausência e na sua presença. Mas se você não for embora daqui não haverá pacto nem proteção, pois me é imperioso bem servir o meu patrão, e fazer bem feito aquilo de que ele me encarregou”. O rato disse: “Eu lhe ofereci o meu afeto e a minha submissão, e por isso você tem a obrigação de me socorrer. Faça isso e não me decepcione!” A doninha respondeu: “Eu estaria obrigada a concordar com você e célere atender o seu pedido, mas como poderei fazer isso se vocês ratos, todos, deixaram péssimos vestígios na cabana do meu patrão, cuja opinião a seu respeito é também péssima? Se eu não o servir corretamente no que tange ao seu bando, não estarei a salvo de ser morta ou surrada por ele. Por isso, eu o previno contra mim mesma e lhe sugiro que se mude desta cabana em paz e segurança enquanto ainda conversamos. Concedo-lhe o prazo de três dias para que encontre para si um local bem protegido, onde possa se abrigar e viver. Depois eu irei visitá-lo para lhe prestar meus bons serviços e mostrar o meu afeto, e isso será acima das suas expectativas e estará além do que você buscou”. O rato disse: “A separação da terra natal é muito difícil. Ficarei aqui nesta minha toca, tomando todo cuidado, fugindo e me escondendo de você com o maior esforço”.

No dia seguinte, o rato saiu da toca em busca de sustento. A doninha o viu mas não se mexeu, pois queria cumprir o prazo de

três dias que lhe dera. Ao ver aquilo, o rato se iludiu e começou a sair continuamente, sem que a doninha esboçasse reação. O rato se habituou, então, a sair e a entrar, supondo que a doninha não o atacaria. Quando se passaram os três dias do prazo estabelecido pela doninha, o rato saiu como sempre fazia, bem tranquilo. A doninha estava escondida atrás de alguns objetos que havia na casa, e, ao ouvir o rato circulando lá dentro e roendo os pertences do asceta, atacou-o e matou-o. E é Deus quem dá o triunfo.

Disse o maçarico: “Só lhe apliquei esse paradigma porque o inteligente não deve nunca recusar os dizeres do bom conselheiro, nem considerar grosseiras as palavras do pregador, pois já se disse que o caso do aconselhado que considera grosseiras as palavras do bom conselheiro é semelhante ao caso do remédio amargo que arranca a doença do corpo. Muito cuidado para não se iludir com aquilo que você vê da parte do pato! Se o matar, ficará livre dele e o trocará por um marido que lhe proporcionará maior felicidade”. Ao ouvir os dizeres do maçarico, a pata se apavorou com as suas ordens, mas gostou de ter um novo e mais adequado marido, conforme ele prometia, e então disse: “Compreendi o seu discurso. Não tenho nenhuma suspeita de você, nem o considero falso. O sinal do tanto que você vale para mim é a ânsia que o meu coração tem pelo seu afeto. Bem sei que você não me fez tal sugestão, apesar de seu horror e monstruosidade, senão para dar um bom conselho e evidenciar seu puro afeto. E mesmo que em tal sugestão houvesse maiores benefícios para você do que para mim, ou que somente houvesse benefícios para você, ainda assim eu estaria obrigada a acatá-la rapidamente, para obter o seu amor e alcançar a sua satisfação. O que dizer, portanto, se a sugestão acarretará benefícios mútuos para nós? Porém, de que maneira poderei matar o pato? Sou mais fraca do que ele”. O maçarico respondeu: “Vou lhe indicar uma artimanha que, se você cumprir à risca, triunfará em seu propósito de matar o pato”. Ela perguntou: “E qual é?” Ele respondeu: “Conheço no lugar tal e tal um arroio cheio de pescado. Os pescadores dali, quando apanham um peixe grande, aplainam um pedaço de pau e o enfiam na cabeça desse peixe, fazendo-o che-

gar até o rabo. Vá para esse lugar, uma vez que você é mais forte do que eu para carregar grandes peixes, e pegue um peixe com o qual o pato poderá se engasgar, pois quando ele o engolir ficará atravessado em sua garganta e o matará”. A fêmea agiu tal como sugerido, voando até pousar no meio dos pescadores mencionados pelo maçarico, e roubou um peixe no qual estava enfiado um pedaço de pau; depois, atirou-o próximo do pato, que o engoliu; o pedaço de pau ficou atravessado em sua garganta e ele morreu. E Deus sabe mais.

Durante alguns dias, o maçarico e a pata ficaram juntos, ele simulando grande amor por ela, e tratando-a com crescente generosidade. Depois a pata passou a cobrar dele a promessa a respeito do marido. Então o maçarico foi até uma árvore e, topando com uma hiena em busca de comida, gritou-lhe: “Ó hiena, regozije-se com aquilo de que você gosta!” A hiena perguntou: “O que é?” Ele disse: “Tenho um inimigo da espécie dos patos, o mais gordo que pode existir, e eu pretendo enganá-lo e conduzi-lo à caverna situada no lugar tal e tal”. Em seguida, o maçarico voltou até a pata e disse: “Encontrei um marido adequado. Falei-lhe da sua condição, sua perfeição, beleza e decoro, bem como da nossa relação, do local onde vivemos e da necessidade que você tem de se casar. Então ele me pediu que a levasse até onde está, e eu respondi afirmativamente”. Assim, voaram juntos até o lugar. O maçarico disse à pata: “Ele está naquela caverna, e se não estiver agora logo vai chegar”. A pata acorreu sôfrega ao local, ansiosa para se casar, e a hiena, que estava escondida atrás de um rochedo, pulou sobre ela e a agarrou. E Deus altíssimo sabe melhor o que é correto.

Este é o paradigma do parceiro que acredita em quem não se deve acreditar. Adeus.

تحقيق النصّ العربي اعتماداً على مخطوطتي ”عربي 3487“، المودعة في المكتبة الأهلية الفرنسية، و”3900 شرقي“، المودعة في المكتبة البودلية، في أكسفورد¹.

{195} باب² العُلُجُومَيْنِ وَالْمِرْزَمِ، وَهُوَ بَابُ الشَّرِيكَيْنِ الْمُتَفَاوِضَيْنِ يَكُونُ أَحَدُهُمَا غَاشًّا لِصَاحِبِهِ ذَا غَائِلَةٍ وَسُوءِ نِيَةٍ، حَرِيصاً عَلَى الْإِسْتِيَادِ بِالْبَضَاعَةِ الَّتِي يَشْتَرِكَانِ فِيهَا وَالْإِخْتَوَاءَ عَلَمًا دُونَ صَاحِبِهِ

قال الملك للفيلسوف: اضرب لي مثل الشريكين المتفاوضين إذا كان أحدهما غاشاً صاحبه، ذا غائلةٍ وسوء نيةٍ، حريصاً على الاستياد بالبضاعة التي يشتركان فيها والاحتواء عليها دون صاحبه. قال الفيلسوف: إِنَّ مِنْ أَسْبَابِ السَّلَامَةِ اسْتِعْمَالَ الْحَرَمِ وَمِنَ الْحَزْمِ اسْتِعْمَالَ سِوَى الظَّنِّ بِالشَّرِيكِ الرَّفِيقِ حَتَّى تَصَحَّ سَلَامَةُ ضَمِيرِهِ، وَمَنْ اسْتَعْمَلَ {195} {حاري³ من أن يُقَدَفَ به الاسترسال والإفراط في التَّقَّةِ إلى بعض المكاره، ومن أمثال ذلك: مَثَلُ العُلُجُومَيْنِ وَالْمِرْزَمِ. قال الملك: وكيف كان ذلك وما مَثَلُهَا؟ قال الفيلسوف زعموا أنه كان من الأقاليم التي على ساحل البحر⁴ غديرٌ تفرق إليه أنهارٌ كثيرةٌ

¹ في ب: ”خبر العلجوم والمرزم“. وفي مخطوطة كلية ودمنة محفوظة في مكتبة ميونيخ ذكرها درنبرغ في الملحق الأول من تحقيقه للترجمة اللاتينية الوسيطة: ”باب العلجوميين (كنا) والبطه، وليس هذا الباب من هذا الكتاب وإنما الحق به لأنه يليق بسبته“. نشر درنبرغ الباب في الملحق المذكور، ومنتنه سيء وبه خلل كثير. ولكلمة ”علجوم“ أكثر من معنى في المراجع اللغوية، ولكنها تعني هنا، على ما يبدو، نوعاً من البط، وأما كلمة ”مرزم“ فإنها تعني، هنا، طائرٌ يعرف بالعربية بزقراق أو ققطاق.
² حَقَّقَ مَتْنِ هَذَا الْبَابِ اعْتِمَاداً عَلَى مَخْطُوطَتَيْنِ (”عربي 3478“، من القرن السابع عشر الميلادي، المكتبة الأهلية الفرنسية، و”شرقي 3900“، من سنة 1753 م، المكتبة البودلية) لكتاب كلية ودمنة يحتويان على هذا الباب، الذي لم ينشر إطلاقاً في أي طبعة من طبعات الكتاب العربية، مع انه وارد في ترجمات قديمة مثل العربية والإسبانية واللاتينية. وهو نص عربي أصيل، جدير بأن يجد مكانه في الكتاب. أشرنا إلى مخطوطة باريس بحرف أ، من ”الأصل“، وإلى مخطوطة البودلية بحرف ب.
³ كل ما بين مقوفتين []، من غير إشارة إلى مصدر، فمن وضع المحقق.
⁴ في إحدى مخطوطتي الترجمة الإسبانية: ”tierra de Aliemen“، بمعنى ”أرض اليمن“. وفي ملحق درنبرغ: ”في الجفراي في الأياد“ بدلاً من ”البحر“.

تصبُّ فيه الماء، وأنه ثبت فيه قصب كثير وتولد فيه سمك غزير. وكان ذلك الغدير غائباً عن طريق الصيادين وهو في موضع لا يأتيه أحد من الناس وكانت الطيرُ التي تأتي البحورَ والآجامَ والغدرانَ لا تأتيه ولا تقربه ولا تلمس ما فيه من الصيد دهرًا طويلًا لأنَّ أوطانها وأوكارها {196} كانت في البحر وكانت مكثيفةً بما في البحر عن ذلك الغدير وما كان فيه. ثم إن طائرًا يقال له العُلجوم فطن لذلك الموضع، فلما رآه معتزلاً خالياً شاسعاً عن طريق الصيادين وغيرهم رغب في الكينونة فيه وتحويل وكرهه إليه، وقال في نفسه: إني إذا حوِّلتُ وكرهي وزوجتي إلى هذا الغدير أعننا ما فيه عن مزاحمة الطير في صيد البحر، وكان الموضع لنا عِزَّةً ولمن يكون بعدنا من أعقابنا، ولا يكون لأحدٍ فيه دعوى، وكُنَّا أَحَقَّ به من غيرنا. واعتزم على تحويل وكره إليه وأهله، وكانت زوجته قد باضت، فأخبرها بما رأى وعزم عليه من ذلك. وكانت قد باضت في عشها الذي في الساحل وقد أتى وقت الثقب عن ما في بيضها، وكان لها صديقٌ من المرازم يكرم عليها ولا [يهينها]،⁵ شيءٌ إلا بمؤاساته واشتراكها معه في كل شيء. فلما أخبرها الذكر برأيه وما همَّ به اشتدَّ عليها {196} فراق المرازم وأرادت أن تُشركه في ذلك الخصب، فالتمسَّت الحيلة في إعلامه بما اعتزم عليه ليحتال أن يكونَ معها في ذلك الموضع. فقالت للذكر: إنه قد آن لي أن أثقب عن فراخي وقد وُصِف لي شيءٌ إذا عُوجَ به الفراخ إذا آن ثقبها أو من بذلك عليه من الآفات، فأنا أريد أن أطلبَ بذلك الذي وُصِف لي حتَّى أحملهَ معي إلى الموضع الذي تُريدُ الانتقالَ إليه. قال الذكر: ما هو؟

⁵ في الأصل: "فكره".

⁶ التلمذة من ب. في الأصل: "يهينها". وفي الترجمة الإسبانية: "e sin ele non vey a (avia) plazer"، ولعل في أصلها: "لا يهينها شيءٌ إلا بمؤاسته" مع أن في هذا المقطع شيئاً من البلبلة. واحدى المخطوطتين الإسبانيتين تضيف "nin solaz"، مما يدلُّ على أنَّ في أصلها العربي الكلمة كانت "مؤاساة".

قالت الأثني: سمكٌ في جزيرة كذا وكذا في البحر ليس يعرفها غيري، فاحتضنُ أنتَ على البيض مكاني حتى أسيرَ إلى الموضع. فقال لها الذكر: إنه ليس ينبغي للعاقل أن يركنَ إلى ما يصفه المعالجون وأصحاب الطّبِّ، فإنهم زُماً وصفوا أشياءً⁷ صعبةً لا يرونها أحدٌ إلا بالتغريب بنفسه وحملها على العطب، وكان قد يبلغنا مكان هذه الجزيرة وما حجر دونها من المتالف والآفات، {197و} وقد يوصف في بعض العلاج شعوم الأسد وسموم الهوامِّ، وما ينبغي لذي حزمٍ أن يغيرَ بنفسه في طلب الأسد والهوامِّ في مواضعها لما في لحومها وسمومها من المنافع، فدعي ما قد تريدين من المسير إلى تلك الجزيرة واحتملي مع العشِّ بما فيه حتى نُحوِّله إلى الموضع الذي نريده، فإنه كثير السمك والقصب، خفي المكان، معتزل عن كل طريق، خالٍ من كل طيرٍ، واعلمي أنه من أطاع الأَطْبَاءَ فيما يُخاطر فيه بنفسه لم يأمن أن يصيبه: ما أصاب القردَ من طلب دماغ التَّينين. قالت الأثني: وكيف كان ذلك؟ قال الذكر زعموا أنه كان في بعض الجزائر قردٌ وكان في خصبِ {197ظ} من الثمار دهنراً طويلاً، ثم أنه جرب وأخذه من الجرب ما خشى معه التَّلَفَ، وضعف عن طلب قُوتِهِ لما كان أصابه، فمرَّ به قردٌ آخر فقال له: ما لي أراك بهذا الحال وأيُّ شيءٍ أضرارك إلى هذه الهزال والضعف؟ فقال القرد: ما أعرف لما أنا فيه سبباً إلا القضاء والقدر، وما لأحدٍ من قضاء الله محيصٌ ولا له إلى الهرب منه سبيلٌ. قال القرد الآخر: إني أعرف قرداً آمناً كان أصابه مثلُ ما أصابك، فلم يكن له دواءٌ حتى أُوتِي بدماغ تينين واستعطَ به، فإن قدرتَ على دماغ تينين كان فيه شفاؤك. قال القرد الجرب: وكيف لي بدماغ التينين وأنا أضعف عن طلب قوتي ورزقي من هذه الأشجار القريبة، إلا ما تصدَّق به عليّ الوح[و]ش والسباع بما يقوتي، ولو

⁷ في الأصل: "سيناً".

لا ذلك لهلكتُ هولاً وضعفاً؟ قال القرد الآخر: قد رأيتُ {198و} رجلاً في موضع كذا وكذا من هذه الجزيرة إلى جانب حجر تنين كنتُ أعرفه، فأنا أرجو أن يكون قد قتله وأنا مُنطلقٌ إلى باب ذلك الجُحرِ وداخلُ الجُحرِ، فإنَّ وجدتُ التَّنينَ مقتولاً أخذتُ دماغه وأتيتُك به. قال القرد الجرب: إن قدرتُ على ذلك فافعله، فإنك تصل به رحمي وتصيب به الثواب من الله. فانطلق القرد حتى أتى إلى الجحر وكان واسعاً، ورأى للرجل⁹ هناك آثاراً كثيرةً فلم يَشْكُ في قَتْلِهِ التَّنينِ. فلمَّا دخل وجد التَّنينَ حيّاً، فوثب عليه فالتقمه.

قال الذكر: وإنما ضربتُ لكِ هذا المثل لتعلمي أنه لا ينبغي للعاقل، وإن كان مضطراً، أن يحملَ على نفسه المخاطرة في الطلبِ {198ظ} للدواء في المواضع التي يخاف فيها من الداء الذي يلتمس له ذلك الدواء. قالت الأنثى: قد فهمتُ قولك ولا بدَّ لي من إتيان تلك الجزيرة، فإنَّ السَّلامَةَ مِنْ وِراءِ ما يُخافُ ومُجذِر. [و] في مسيري إلى ما هناك رجاءٌ لبقاء فراخنا وتحصينُ لها من الآفات. قال لها الذكر: أما إذا كان ذلك رأيك فلا تُعلمين أحداً من بما اعترمنا عليه، فإنَّ العلماء قالوا: رأسُ كلِّ ففقة العقلُ ورأسُ ذاتِ العقلِ كتمانُ البِسرِ. ثم إن الأنثى طارتُ حتى انتهتُ إلى المرزم، وكان منها على فراسخ في البحر، فأخبرته بما اعترمتُ وزوجها إليه من الانتقال إلى الغدير وما في الغدير من كثرة السمك والخصب والكرِّ والعزلة¹⁰ عن الحتوف والمتالف والآفات، وقالت له: إنَّ أمكنك أن تكون معنا هناك بأمرٍ من زوجي وإذنٍ منه لك فافعل. فرغب المرزم في ذلك وأحبَّ مجاورةً {199و}

⁸ في الأصل: "فاني".

⁹ في الأصل: "للجو".

¹⁰ في الأصل: "أو لعزلة".

العلاجومة للمودة التي بينها.¹¹ فقال المرزم: وما استئذاني العلجومَ في ذلك وما هو أولى بذلك الموضع مني، وإنما هو غديرٌ مباحٌ، نحن وذكرك فيه سواء، ولكن أنطلق إلى الغدير، فإن كان فيه خصبة وعزلة وكثرة المرافق على ما ذكرت مضيت حتى أتخذ فيه عشاً، وإن نازعني زوجك أعلمته أنه لم يصل إلى ذلك الموضع عن ورائته من آباءه، ولا هو أحق بالموضع مني. قالت الأثني: إن ذلك على ما وصفت، ولكني أحببتُ فُزيتك والأُنس بك، ومَتى كان مسيرك إلى هناك عن مخالفة منك لصاحبي واعتراض عليه لم امن أن يولد ذلك بينك {199ظ} وبينه عداوةً وملاحاةً فلا تكدر علي ما أحببت أن يصفو من مودتك واغتتم بما أحببت أن أسر به من قربك ويُستبدل بالمواصلة بغضاً وهجراً وبالمودة قطيعةً. قال: المرزم أنتِ الصادقة في قولك المحمودة في جميع ما يظهر لي منك، ولكن كيف لي بالحيلة للذكر حتى يرضى ويأذن لي في اتخاذ عشٍ في ذلك الغدير؟ قالت الأثني: الحيلة في ذلك أن تنطلق إلى الذكر فتقول له كأنك ما تعلم ما يريد¹² من التحول إلى ذلك الغدير: إني قد مررتُ بغدير في موضع كذا وكذا كثير الصيد معتزل عن الناس والطير، وأنا أريد التحول إليه، فهل لك أن تمضي معي إليه، فإن لنا فيه من الصيد كفايةً عن مزاحمة الطير في سمك البحر. فإنه سيخبرك أنه قد سبقك إلى ذلك وأنه يريد تحويل وكره إليه، فإن قال لك كذلك فقل {200و} له: فأنت إذاً أولى بالموضع مني وأنا أحبُّ الآن أن تأذن¹³ لي في مجاورتك وأن أكون ساكناً إليك فأخذ لي عشاً إلى جانبك، فإني أرجو ألا يكون عليك مني مضرة، بل يكون لك بمكاني أنس وقوة. ففعل المرزم ذلك وتوجّه نحو الذكر وطارث الأثني إلى بعض الغدران

¹¹ وبعد هذا في الأصل: "انتهى"، فخذفناها لأن لا داعي لإبناها.

¹² في الأصل: "يريد".

¹³ في الأصل: "يأذن".

فصادت منها سمكة فأتت بها الذكر وقالت: هذه السمكة التي وُصفت لي لعلاج الفراخ. ووافقت المرزم عند الذكر وقد أجاب الذكر المرزم إلى ما سأل، فأظهرت الأثى الكرة لذلك لتعصم عن نفسها سوء الظن بها من ذكرها، فقالت للذكر: إنما رغبتنا في ذلك المكان لعزلته عن الطير، فإن صيرت المرزم فيه حظاً تخوفت أن يلحق به غيره من الطير فيشتركان فيه، مع ما إنما نشترك أوطاننا ومنتقل عنها هرباً من قربه. قال الذكر: قد فهمت مقالتك وأنا واثق بالمرزم ولنا {200} بمكاته أنس وقوة ويكون لنا عدة على غيرنا فإننا لا نأمن أن يعرض علينا من طير البحر معترض أو يشغب علينا شاغب ولا بأس بالاستعداد بالأعوان الموثوق بهم وألا نغتر بفضل قوتنا وبطشنا على سائر الطير، فرمما قوي الضعفاء إذا تعاونوا على القوي الشديد، كما انتصر السنانير من الذئب، فقتلوه لما كثروه. قالت الأثى: وكيف ذلك؟ قال الذكر

زعموا أنه في ساحل البحر موضع فيه ذئب كثيرة وأنه كان فيها ذئب كان أعتاها وأشدّها حرصاً وأقلها رضياً [ال]حالة التي كان عليها مع نظرائه، فخرج يوماً في طلب صيد يستأثر به على أصحابه، فسار إلى جبل من الجبال فيه وحوش كثيرة ولم يكن لتلك الوحوش منفذ إلى غير ذلك الجبل ولا سلك يسلكونه، فأقمن في ذلك الجبل يأكلن مما فيه من العشب والثمار ويلدن فيه، {201} وكان في الجبل موضع فيه سنانير كثيرة قد ضربت أكل الوحوش واعتادت لحومها، وكان عليها ملكٌ منها وكُنَّ في ذلك خاليات لا يشركن في الوحوش غيرهن من السباع. فلما جاء الذئب ورأى [ما] في الجبل من الوحوش ورأى الطرق منسدة عنها لا يدرين مخرجاً ولا يجدنه منه أيقن بالخصب وسعة المعاش، فأقام بذلك الجبل زماناً يصيد من تلك الوحوش، فأصر ذلك بالسنانير، واجتمع وتناظرن فيما يصرن به إلى الراحة من ذلك الذئب. وكان للسنانير ثلاثة لهم فضل على سائر السنانير

في الدهاء والمكر [والادب، وينتهي ملك السنانير] ¹⁴ إلى رأيهم، ويعمل به الملك. فقال الملك للأول منهم: ما الحيلة في أمر هذا الذئب، فقد أضربنا في معاشنا وغلبنا على أرزاقنا. قال السنور: ما الرأي إلا الصبر والرضا بما جلب علينا القضاء والقدر، فإننا لا نطيق قتاله ولا نقدر عليه. فقال الملك {201ظ} للثاني: ما رأيك أنت؟ قال: أرى أن نتحول عن هذا الجبل ونلتمس غيره، عسى أن نظفر بمثله في الخصب، فإننا إن اقتصرنا على فضول صيده ضاق علينا المعاش وكان في ذلك هلاكنا. فقال الملك للثالث: فما رأيك أنت؟ قال: أرى أيها الملك غير ما قالنا ¹⁵. قال الملك: وما هو؟ قال: ما أرى الرضى بترك ماكننا هذه، ¹⁶ ولا أرى الرضى بجائنا ما كنا في طمع من الرجاء ولا أن نصبر على ما نحن فيه، ولا أرى الهرب والترك لأوطاننا، ولكن أرى رأياً إن تابعني الملك ومن معه عليه رجوت أن يكون الظفر فيه لنا على عدونا والعود إلى أفضل ما كان عليه حالنا. قال الملك: وما ذلك الرأي؟ قال: أرى أن ننظر إلى الذئب، فإذا صاد وحشاً وحمله ليأكله تبعه الملك وأنا معه ومعنا عدة من السنانير المعروفة بالقوة والجلد والخبرة والإقدام، كأننا نطلب {202و} فضول صيده، فإنه آمن في نفسه منا وهو بنا معتز، فإذا دوننا منه وتبث إليه وتعمدت عينيه ففقتها بمخالي ثم وثب كل واحد من باقي السنانير فيشغل موضعاً منه، فلا يذهب عنه حتى يتركه ميتاً وإن عطب في ذلك واحد منا أو اثنان ففي الراحة منه عوض. ففعلوا ذلك فلما صاد الذئب وحشاً ليأكله وحمله إلى بعض الكهوف ¹⁷ اجتمع ملك السنانير مع عدة من أصحابه يتبعونه، فلما

¹⁴ التكملة من ب.

¹⁵ في الأصل: "قال".

¹⁶ في الأصل: "ما أرى الرضى بترك انّا كنا هذه". وفضلنا "ماكننا" لان مخطوطي الترجمة الإسبانية تتبان "nuestros"

"lugares".

¹⁷ في الأصل: "الكهوف".

انتهى إلى الموضوع الذي كان يأكل فيه وثب عليه المشير على الملك ففقاً عينه بمخالبه وتركه بغير بصر، ثم وثب عليه الملك فقطع ذنبه بأسنانه ووثب كل واحد من السنانير فجرحه، فلم يذهبوا عنه حتى قتلوه

قال الذكر: وإنما ضربت لك هذا المثل لتعلمي أنّ في مكان المرزم {202ظ} أنساً لنا وصلاً وقوة. فرضيت الأنتى بذلك ثم سرّث بما رأيت من زوجها من السرور بالمرزم وبمكانه معه. فانتقل العلجوم وزوجته والمرزم إلى ذلك الموضوع واتخذوا فيه أوكاراً واعتزل المرزم بوكه عن وكر العلجوميين، واستتلّوا¹⁸ ما كانوا فيه من الخلوة وجعل يظهر بعضهم لبعض المودة والمؤانسة والكرامة، وكانت المودة بين الأنتى والمرزم أطف وأشدّ تأكيداً منها بين الذكر والمرزم. وكان كل واحدٍ منهما مسترسلاً إلى صاحبه واثقاً به للوّد القديم. ثم ان بعض الأنهار التي كانت تصب في الغدير الماء انقطع، فلم تصب فيه ولم تمدّ إليه. فنقص لذلك الغدير وقلّ سمكه. ففكر المرزم في أمره وقال في نفسه: إنه وإن كان حقّ الإخوان عظيماً وكان ذمامهم واجباً، فإنّ حقّ المرء على نفسه أوجب¹⁹ وذمام نفسه لنفسه ألزم، {203و} وقد قيل إنه من لم يباح نفسه فهو لغيرها أقلّ مناصحةً، ومن لم يبادر بالحيلة ويستعدّها قبل أن تعود²⁰ الختوف أو شك أن يحيط به [من] المتالف ما يعجزه عن دفعه عن نفسه.²² وهذان العلجومان المشاركان لي في هذا الغدير

¹⁸ في الأصل: "استدلّوا". في ب: "استلذوا"; في ملحق درنيورغ: "استلذوا". وفي مخطوطتي الترجمة الإسبانية: "ovieran gran sabor"، بما يدلّ على صحّة قراءة ب وملحق درنيورغ في هذا الحلق.

¹⁹ في الأصل: "واجب".

²⁰ في الأصل "تعروه"، وقد تقرأ "تعدوه" أو "تعوره". في ب: "تفجاه"; في إحدى مخطوطتي الترجمة الإسبانية: "çercar"، "يقرب" (والفاعل هنا ما يساوي "الختوف"، وهو "الحوادث" الجالبة للمكروه [لح]); وفي المخطوطة الثانية: "le acaezca"، "يحدث له"، أي للمرء. وليس في ملحق درنيورغ ما يساوي هذا.

²¹ التكملة من ب.

²² في الأصل: "عن ذلك دفعه عن نفسه".

قد أضرتني في ما فيه من السمك، ويضطراني إلى العود إلى البحر، وقد ألفتُ
المَوْضِعَ وَيَشْتَدُّ عَلَيَّ فِرَاقُهُ لِمُؤَافَقَتِهِ لِي، فليس لي صلاحٌ دون قتلها والراحة منها
ليبقى الغديرُ لي بلا شريك لي فيه ولا مُنازع، وأنا بادٍ بالذكر ومحتالٌ له عند
زوجته، فإنها ضعيفُهُ العقل واثقةٌ بيّ مسترسلةٌ إليّ، لعله يوفق لي قتله على يديها،
فإذا مات كان الخطب بقتلها يسير لإفراطها في الثقة بيّ والسكون إليّ. ثم ان
المرزم أتى الأثني كثيراً حزينا، فقالت له الأثني: ما يحزنك يا خليلي؟ قال المرزم:
يحزني ما جرتنا من صُروفٍ {203ظ} الدهر ونوائبه، فهل رأيت أحداً سلم من
عثرات الدهر ونوائبه ونكبات الزمان في نفسه أو في ذوي مودته، أم رأيت أحداً
دامت له الدنيا بسرورها ونعيمها؟ قالت الأثني: لقد حدث لك أمرٌ فيه غمٌّ وهمٌّ؟
قال المرزم: إن ذلك لكذلك، وليس إلا هو فيك، فإن أنتِ أطعتني وصرت إلى
قولي فبالحري²³ أن يكون في ذلك دفعٌ لما اشفقنا²⁴ عليه من البلاء فيك. قالت
الأثني: وما ذلك؟ قال المرزم: إنا وإن كنا متباينين في الجنس فقد أجرى الله
بيننا [من] ²⁵ الإخاء والخلطة والمؤانسة ما هو [أكثر مما بين الرحم المشفق]،²⁶ وإن
في أكثر القرابات واللحمة من العداوة وسوء النية وفساد الضمير ما {204و} هو
أضّر من حدّ الحديد وثقل السم. وقيل: من لا أخ له فلا عدو له، ومن لا قرابة
له فلا حاسد له، وأنا أريد أن أسرك²⁷ فيما يصلح لك فيه حالك بأمرٍ فيه عليك
غلظة شديدة وفي استقبالي إليك به هولٌ عظيمٌ وشنعةٌ، غير أنني أفكر فيما صيرني

²³ في الأصل: "فالحرا"

²⁴ في الأصل: "اشتقنا". ما اثبت من ب.

²⁵ التكملة من ب.

²⁶ التكملة من ب. وفي الأصل جملة لم تتبين وجه الصفة فيها: "أكثره عندنا الرحم وأشخ القرابة".

²⁷ في الأصل: "أسوك"، في ب: "امرك". واليك، للتوضيح، الجملة الكاملة كما جاءت في سياقها في مخطوطي الترجمة الإسبانية:
"Et yo quiero te fazer um pouco de pesar por tu provecho"، مما يدل على أنّ القراءة المخطئة مستمرة منذ أمدٍ طويل.

إلى ذلك، فاعلم أن المقادير تجري على الخلائق بأكثر [من هدى]،²⁸ ومن أيقن بالقضاء سلم لأمر الله ومن سلم لأمر الله فقد استراح، فاسمعي مني [وامثلي لأمر] ²⁹ ولا تسأليني عن التأويل في ما أمرك به حتى يُفرغ³⁰ منه. قالت الأنثى: لقد هَوَّلَتْ عَلَيَّ وَعَظَّمْتَ الْأَمْرَ حَتَّى أَتَى ظَنَنْتُ أَنَّنَا سُنْخَطَطُفُ عَنِ الْأَرْضِ وَقَدْ وَطَنْتَ نَفْسِي عَلَى أَنْ أَبْذِلَهَا فِي هَوَاكَ، فَمَرَّ بِأَمْرِكَ، فَقَدْ قِيلَ إِنَّهُ مِنْ لَمْ يَبْذُلْ نَفْسَهُ لَصَدِيقِهِ الْمُؤَاسِي عِنْدَ النَّائِبَةِ وَالْمَسَارِعِ إِلَى الْمَحَبَّةِ³¹ كَانَ عِنْدَ اللَّهِ مِنَ الْخَاسِرِينَ الْمُعْتَدِينَ. قَالَ الْمَرْزُومُ: إِذَا [أَرَى]³² لَكَ أَنْ تَحْتَالِي عَلَى الذِّكْرِ حَتَّى تَقْتَلِيهِ وَتَسْتَرِيحِي مِنْهُ {٤٠٢} ظ { فَإِنَّ [فِي] ³³ قَتْلِكَ إِثْمًا صَلاَحًا لِنَفْسِكَ وَلي مِنْ بَلِيَّةٍ أَشْرَفْنَا³⁴ عَلَيْهَا، فَلَا تَسْأَلِنِي عَنِ شَيْءٍ وَعَامِلِي مَا أَشْرَتْ بِهِ عَلَيْكَ، وَعَالِمِي أَنَّهُ لَوْ لَا مَا فِي ذَلِكَ مِنَ الْأَمْنِ وَعَظِيمِ الْمَنْفَعَةِ [لَمْ أَقْدَمْ بِهَذَا الرَّايِ عَلَيْكَ]،³⁵ وَأَنَا مَخْبَرُكَ بِالسَّبَبِ الَّذِي لَهُ أَشْرَتْ عَلَيْكَ بِهَذَا الرَّايِ لَوْ قَدْ [فَرَعْتَ]³⁶ بِمَا أَمَرْتُكَ بِهِ. [فَلَا وَلَا تَحْزَنِي وَلَا تَجْزَعِي] ³⁷ فَإِنِّي مَرْتَاذٌ لِكَ زَوْجًا، بَعْدَ ذَلِكَ، مِنْ أَصْدِقَائِي مِنَ الْعَلَاجِمِ، وَمَتَخَيَّرُ

²⁸ التكملة من ب. وفي الأصل: "منها". وفي الترجمة الإسبانية: "aventuras" في المخطوطة الأولى و "الثانية".

²⁹ التكملة من ب. وفي الأصل: "وأفندي لي أمرك": في ملحق درينورغ، عند المقطع الذي يساوي ما هائنا: "فإن امتلت قولي" (وفي المتن اضطراب شديد): في الترجمة الإسبانية: "guiate por my"، مما هو ترجمة حرفية لجملة "امثلي لأمر".

³⁰ في ب: "تفرغي".

³¹ في ب: "المسارع عند الحاجة". وفي المخطوط الأكثر سقاً للترجمة الإسبانية: "e le ama lealmente"، مما قد يؤيد ما في متن الأصل، بالرغم من إسقاط ترجمة مفردة "مسارع" وغياب ما يساوي الجملة بأكملها من متن المخطوط الرئيسي للترجمة الإسبانية.

³² من ب (وفيها: "إراك"). في الأصل: "إذاً لك". واعتمدنا فيما اثبتناه على الترجمة الإسبانية، إذ فيها: "Pues consejo te"، وهو يساوي حرفياً ما أثبتنا.

³³ التكملة من ب.

³⁴ التكملة من ب. في الأصل: "أشقتنا". وفي المخطوط الرئيس للترجمة الإسبانية: "et libraras a ty e a mi de una tenta". وهي عبارة معقدة صعب فهمها على من حاول تحقيقها.

³⁵ التكملة من ب.

³⁶ من ب. وفي الأصل: "عرفت".

³⁷ التكملة ومن ب.

لك أفضلها عندي وأعرّها عليّ وأطوعها على تجاورنا في³⁸ غديرنا هذا، ويحفظك ويحوطك بمكاني منه والخلة بيني وبينه مع ما يظهر له من عقلك وفضلك، واعلمي أنه من لم يسمع من نصحائه وأهل مودته عنّ بنفسه، واعلمي انه إن لم تقبلي قولي وإن لم تُطيعي أمري أصابك ما أصاب الجرذ الذي لم يقبل قول من نصحه. قالت: الأنتى: وكيف كان ذلك، وما أصاب الجرذ؟ قال المرزم

زعموا أنه كان بحرّان³⁹ ناسك في فلاة له [قلاية]،⁴⁰ وكان الجرذ [ان] قد ولعن {205و} بقلايته وفساد ما فيها من طعامه، فاتخذ الناسك ابن عريس فارتبطه في قلايته لقتل الجرذان ولنفيهما عن القلاية، وكان في أولئك الجرذان جرذ كبير من أعظمها خلقاً وأقواها نفساً، فلما رأى صنع الناسك في إرباطه ابن عريس في بيته، علم أنه ليس له مع ابن عريس بقاء وأن ابن عريس قاتله لا محالة والله أعلم. فنادى ابن عريس فقال له: إني قد علمت أنّ الناسك إنّما اتخذك لتقتلني وأصحابي، وقد أحببت مواصلتك ومصادقتك [ومصافاتك]⁴¹ لآمن مكرتك [وأسكن إلى إخائك]،⁴² ولك عليّ أن لا ادّخرك نصيحة تكون عندي ولا منفعة أقدر عليها لك. قال ابن عريس: {205ظ} [لقد]⁴³ فهمت قولك وأنا مؤتمنك وجاعل لك عهداً [ألا اعترض لك، رعاية لما رغبت فيه]⁴⁴ من مواصلي ومؤاختي، غير أنني لا أحب

³⁸ في ب: "تجاور في". في الأصل: "تجاورنا من". في الترجمة الإسبانية: "el que de mejor voluntad bivira conosco" en este pielago. فأتبتنا ما هو أقرب إلى المعنى الأصلي، كما تجل من خلال مقارنة القراءات.

³⁹ في ب: "بارض جرجان"؛ في ملحق درنورغ: "في مدينة جرجان". في إحدى مخطوطتي الترجمة الإسبانية: "una tierra"، أي "في أرض ما"، أو "في أرض من الأراضي"، وهي الصيغة المعتادة بالعربية.

⁴⁰ التكملة من ب.

⁴¹ التكملة من ب. وفي الأصل تكرار لكلمة "مصادقتك".

⁴² التكملة من ب. وفي الأصل: "وأسألن لإخائك".

⁴³ من ب. في الأصل: "قد".

⁴⁴ التكملة من ب. في الأصل: "ألا أعرض لك، رغبة مني لما رغبت مني".

أن أعطيك من نفسي ما لا يمكنني الوفاء لك به، وذلك أن الناسك قد أتممني على منزله واتخذني لأكفيه مؤنتك ومؤنة⁴⁵ غيرك، ولست غادراً به ولا مخالفاً ظنّه، فالتمس لنفسك مخرجاً إلى بعض الصحاري أو بعض البيوت التي حول بيت الناسك لأصير لك على ما تحبّ من المودة والإحاء وأحفظ مغيبك⁴⁶ ومشهدك، وإن أنت لم تفعل فلا عهد لك عليّ ولا ذمة لأنه لا بدّ لي من نصيحة سيدي وحسن الغنى عنه في ما استكفاني من أمره.⁴⁷ قال له الجرذ: إني قد بدأتك بالرغبة إليك والخضوع لك وقد يجب عليك إسعافي، فافعل ذلك ولا تُخَيّبني. قال ابن عرس⁴⁸: إنه ليحقّ عليّ أن أوافقك وأسارع {206} إلى إسعافك في طلبك، ولكن كيف لي بذلك مع سوء آثاركن⁴⁹ جميع الجرذان عند سيدي وسوء رأي سيدي فيكن؟ وإن أنا لم أناصحه في جماعتكم لم امن أن يقتلني ويمثل بي⁵⁰، فأنا [أحذرك نفسي وأشير]⁵¹ إليك بالتحول عن هذا البيت آمناً مطمئناً حيث أجبنتي، فقد أجلتك ثلاثة أيام، وفيها [تبصر]⁵² لنفسك موضعاً حريزاً تأوي إليه وتسكنه، ثم أختلف إليك وأبدي لك من نصيحتي ومودّتي [فوق ما كنت تعهد و]⁵³ أكثر مما التمسّت. قال له الجرذ:⁵⁴ [إن]⁵⁵ فراق الوطن شديدٌ، فأنا مُقَمِّمٌ في جحري هذا وآخذُ

⁴⁵ في الأصل: "مرتب". وما أثبت من ب (وفيها "موت"، بالباء المفتوحة).

⁴⁶ "مغيبك" من ب. في الأصل: "مغيبك". ومعنى هذا ساقط من الترجمة الإسبانية.

⁴⁷ في ب: "وحسن العناية فيما استكفاني من أمره".

⁴⁸ في الأصل: "ابن العرس".

⁴⁹ في الأصل: "آثاركن".

⁵⁰ في الأصل: "قتلني ويمثل بي". وفي ب: "متى غفلت عنكن ضربني سيدي ويمثل بي"

⁵¹ من ب. في الأصل: "احاذرك نفسي واسر".

⁵² التكملة من ب.

⁵³ التكملة من ب.

⁵⁴ في ب: "الجرذ". وفي الأصل: "الجرذان".

⁵⁵ التكملة من ب.

حذري منك وهاربٌ [متوار] ⁵⁶ عنك بجهدِي. فلما كان في اليوم التالي خرج الجرد من حجره طالباً رزقه، فرآه ابن عرس فلم يتحرك له، وأراد الوفاء له بالثلاثة أيام التي جعلها له. فلما رأى ذلك الجرد اغترّ به فخرج مراراً [وهو لم يتحرك. فاستأنس بالخروج والدخول، وظن أن ابن عرس لم يتعرض له. فلما جاوز ابن عرس ثلاثة أيام، خرج كما كان يخرج مستأنساً]، ⁵⁷ فكان ابن عرس مستتراً بشيءٍ مما فيه البيت، فسمع {206ظ} الجرد في البيت يدبّ وسمعه [يقرض] ⁵⁸ بعض متاع الناسك، فوثب عليه فقتله، والله الموفق.

قال المرزم: وإنما ضربت لك هذا المثل لأنه لا ينبغي للعاقل أن يردّ قول الناصح ولا يستغلظ قول الواعظ، فقد قيل إنَّ مثل قول الناصح فيما يستغلظه المنصوح كمثل الدواء البشع ⁵⁹ الذي يقلع من الجسد الداء، فإياك أن تغتري لما ترين من الذكر، فإنك لو قتلتيه أصبت الراحة واستبدلت به من الأزواج من هو أقرّ لعينك منه. فلما سمعت الأثنى قول المرزم راعها ما هو به عليها، ورغبت بما وعدّها به من الزوج الجديد الموافق، فقالت له: قد فهمتُ قولك وأنت عندي غير مُتَمِّمٍ ولا مُسْتَبْطَلٍ، وإنَّ {207و} الدليل على ما أنت لي عليه ما يحجّ قلبي ⁶⁰ من مودّتك، فإنني لأعلم أنك لم تشرت ⁶¹ عليّ بما أشرت، مع فضاغته ⁶² وهوله، إلا بالنصيحة

⁵⁶ التكملة من ب.

⁵⁷ التكملة من ب.

⁵⁸ في ب: "فسمع ديباً وقرضاً"، فأثبتنا ما بدا أقرب إلى المعنى الأصلي. ويبدو أن في الأصول العربية للترجمة الإسبانية إسقاط في آخر قصة الجرد وابن عرس، مع أنه لم يخل بالمعنى.

⁵⁹ "البشع" من ب. في الأصل: "الشفيع"، وهو يتعارض مع ما في الترجمة الإسبانية، إذ فيها: "melezina amarga"، أي "الدواء المر"، و"البشع" أقرب إلى المقصود (السليبي) من "الشفيع"، في طبيعة الحال.

⁶⁰ في ب: "ما تجد نفسي".

⁶¹ التكملة من ب. وفي الأصل: "أعلم أنك إن لم تستر".

⁶² في ب: "فضاضته" بدلاً من "فضاعته".

وصحة⁶³ المودة، ولو كان فيما أشرت به نفع تستأثر به عليّ وبصير إليك دوني لكان واجباً عليّ أن أسارع فيه إلى محبتك وأتبع فيه رضاك، فكيف وهو أمر أشترك معك فيه؟ ولكن كيف السبيل إلى قتل الذكر وليست لي عليه قوة؟ قال المرزم: فأنا أدلك على حيلة إن عملت بها صرت من النجاح في ما تريد من قتل الذكر. قالت الأثى: وما هي؟ قال المرزم: إني أعرف في مكان كذا وكذا غديراً فيه سمك وفيه صيادون يصيدونه، فإذا أخذوا السمكة الكبيرة عمدوا إلى خشبة [فنجروها]⁶⁴ ثم أدخلوها في رأس السمكة إلى قرب ذنبها، فانطلقتي إلى ذلك الموضع، [فإنك أقوى على حمل السمك الكبار مني]،⁶⁵ وخذي من [السمك] السمكة التي يمكن للذكر ازدرادها⁶⁶، فإنه إذا ابتلع {207ظ} السمكة تشبثت [في حلقة الخشبة فمات من ذلك. ففعلت الأثى ما أشار به المرزم وطارت حتى وقعت عند الصيادين الذين وصفهم المرزم، فأصابت بعض السمك المدخول فيه الخشب فأثت به فألقته قريباً من العلجوم، فالتقمه فتشبثت] [الخشبة في حلقة فمات والله أعلم. وبقي المرزم والأثى أياماً وجعل المرزم يُظهر للأثى المودة ويزيدها في البرّ، ثم إن الأثى تعارضت⁶⁷ المرزم ما وعدّها من الزوج، فسار إلى شجرة⁶⁸ فوقع فيها فإذا هو بان آوى يلتمس رزقه، فصاح به: يا ابن آوى، أبشر بما

⁶³ في ب: "صدق" بدلاً من "صحة"

⁶⁴ من ب. في الأصل: "فسجدوها".

⁶⁵ التكملة من ب.

⁶⁶ في الأصل: "وخذي من السمكة الذي يمكن الذكر ازدراده".

⁶⁷ من ب. في الأصل: "تفاوضت".

⁶⁸ في ب: "فصار إلى الصحرى". وفي الترجمة الإسبانية: "e fue-se a un arbol". وفي ملحق درنبرغ اضطراب رهيب شوّه القصة، مما دفع بعض النقاد العرب، على غرار عبد الوهاب عزام، إلى الحكم السلبي على الباب.

تحتب! فقال له ابن آوى: ⁶⁹ وما هو؟ قال: إن لي عدواً من العلاجيم [كاسمن] ⁷⁰ ما يكون منها، وأنا أريد [أن] أحده حتى اتى به الكهف الذي بموضع كذا وكذا. ثم إن المرزم جاء إلى الأنتى وقال لها: إني وجدت لك زوجاً مناسباً، فاخبرته ⁷¹ بحالك في كمالك وجمالك وأدبك مع الحال بيني وبينك والموضع الذي نحن فيه وحاجتك إلى الزواج، فسألني أن أسير بك إليه، فأجبتُهُ إلى ذلك. وطارا معاً حتى انتبيا إلى ذلك الموضع. قال المرزم للأنتى: هو في ذلك الكهف، وإن لم يكن الساعة هناك فما أسرع ما يأتي. فأسرعت الأنتى سبقاً إلى الموضع، شوقاً منها إلى الزواج، فوثب عليها ابن آوى وكان كامناً وراء ⁷² صخرة، فاخطفها، والله تعالى أعلم بالصواب فهذا مثل الشريك الواثق بمن لا ينبغي أن يوثق ⁷³ به، والسلام.

(تحقيق محمد مصطفى إجاروش، جامعة ساو باولو، إلبرازيل)

⁶⁹ في الأصل: "فقال له يا ابن آوى".

⁷⁰ التكملة من ب. في الأصل: "كلم"، وقد تُقرأ "كاسم"، ولكننا ارتأينا أن نثبت ما في ب، إذ أن في إحدى مخطوطتي الترجمة الإسبانية يقرأ "el mas gordo".

⁷¹ من ب. في الأصل: "فاخبرته".

⁷² في ب: "ورا"، في الأصل: "ورأى".

⁷³ في ب: "يثق".

Bibliografia

Cacho Blecua, Juan Manuel; Lacarra, María Jesús. *Calila e Dimna*. [Edición, introducción y notas] Madrid: Castalia, 1984.

Cheikho, L. *La Version Arabe de Kalilah et Dimnah (d'après le plus ancien manuscrit arabe daté)*. Beirute, Imprimerie Catholique, 1905.

Derenbourg, Joseph (ed. e trad.). “Appendice Premier”. *Directorium Vitae Humanae*. Capua, Johannis de (Ed.), Paris, F. Vieweg, Libraire-Editeur, 1887, pp. 323-345.

Döhla, Hans-Jörg. *El libro de Calila e Dimna (1251). Nueva edición y estudio de los manuscritos castellanos*. Zaragoza: Instituto de Estudios Islámicos y del Oriente Próximo, 2009.

Kalīla wa Dimna. Manuscrito Arabe 3478, BNF, século XVII ou XVIII.

Kalīla wa Dimna. Manuscrito Oriental 3900, Bodleian Library, 1753.

ابن المقفع، عبد الله. كليلة ودمنة. تحقيق وتقديم عبد الوهاب عزام. القاهرة/بيروت، دار الشروق، 1994.

Recebido em: 21/12/2021

Aceito em: 10/05/2022

Publicado em maio de 2022